

A infância do homem

[AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, 188p.]

*Lisandra Ogg Gomes**

O título do livro escolhido por Giorgio Agamben (2005) – *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* – talvez cause ao leitor a impressão de um estudo sobre a história da infância. Ao contrário disso, trata-se de uma obra que coloca em discussão a possibilidade, ou não, de o homem moderno ter sido expropriado da sua experiência.

Para Walter Benjamin, a “pobreza da experiência” da época moderna teve sua origem nas catástrofes ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial (Agamben, 2005, p. 21). Mas, para Giorgio Agamben, a pacífica existência cotidiana em uma grande cidade já é o suficiente para o aniquilamento e a destruição da experiência. Esse é um dos pontos que percorre o livro – composto por seis artigos –, o qual tem como referência as teorias de Émile Benveniste – os conceitos de subjetividade e apropriação a partir da enunciação – e as de Walter Benjamin – as teses sobre experiência e história.

No primeiro estudo – que leva o mesmo nome da obra, *Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência* –, o autor coloca em discussão a incapacidade de o homem fazer e ter experiência a partir do projeto que fundamenta a ciência moderna. Aponta-se que, com a Modernidade, a imaginação foi capturada no conhecimento, a experiência transformou-se em experimento, os sujeitos – esses seres incertos, heterogêneos e imprevisíveis – foram desapropriados e, no seu lugar, surgiu um único e novo sujeito – o *eu penso* cartesiano. No entanto, isso não significou o fim da experiência; apenas essa passou a se efetuar fora do homem, já que o sujeito moderno é celebrado por sua racionalidade e por sua emancipação. Nesse ponto, Agamben aproxima experiência e linguagem, pois o indivíduo não nasce um ser falante e tampouco é apenas um locutor. O homem constitui-se como sujeito *na e através* da linguagem e isso revela que ele tem antes uma *in-fância*, um lugar que é anterior

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. lisandraogg@yahoo.com.br

à palavra e que rompe com a continuidade da história. É uma infância que produz a descontinuidade entre língua e discurso, entre natureza e cultura, uma infância que possibilita a experiência para que o homem se aproprie da inteira língua, designando-se *eu*. Portanto, não cabe a idéia da infância como etapa de uma ordem cronológica, porque a infância é uma potência que permite a renúncia do previsível e ilumina aquilo que não se revela de imediato. Caso o homem já nascesse falante e não tivesse uma infância, estaria unido apenas à sua natureza, não encontraria a descontinuidade para transformar seu cotidiano e, assim, confundir-se-ia com qualquer outro ser ou objeto. A infância coloca o indivíduo no lugar de produtor da cultura e, com outros interlocutores, ele acrescenta significação ao mundo.

O segundo estudo – *O país dos brinquedos: reflexões sobre a história e sobre o jogo* – inicia-se com o episódio da história de Pinóquio, quando este vai até o país dos brinquedos. A partir daí, a questão que percorre o estudo é a mudança da noção de tempo com a entrada do jogo e da brincadeira na vida cotidiana. Para compreender esses elementos, o autor constrói um paralelo entre o rito – que fixa a estrutura do calendário, a partir de um tempo que é ritmo e repetição – e o jogo – que altera e destrói essa estrutura. O jogo carrega na sua essência a esfera do sagrado; por meio dele, o homem conserva o passado – com o qual as crianças brincam. São objetos e comportamentos profanos que carregam uma dimensão temporal de *uma vez e agora não mais*. As crianças gostam de brincar com esses objetos, porque eles têm uma essência eminentemente histórica. Desse modo, o que elas fazem é brincar com a história. O jogo transforma e fragmenta toda a estrutura em eventos e rompe a conexão entre o passado e o presente. Por sua vez, o rito acomoda a contradição entre passado e presente, anula o intervalo que os separa e reabsorve todos os eventos em uma estrutura sincrônica. Nesse caso, o rito é uma máquina que transforma diacronia em sincronia – ao contrário do jogo, que transforma sincronia em diacronia. Entretanto, se houvesse uma sociedade na qual o rito fosse tomado pelo jogo – como ocorre no *país dos brinquedos* –, as horas poderiam correr como faíscas ou aconteceria algo como a roda de Íon, que gira em chamas por toda eternidade.

No terceiro estudo – *Tempo e história: crítica do instante e do contínuo* –, como já está anunciado, Giorgio Agamben analisa os conceitos de tempo e história a partir da idéia de um *linear infinito* e de um *agora, um sempre presente*. Ele aponta que a história vem sempre acompanhada de certa experiência do tempo, mas como para o homem o tempo não tem uma representação, ele o concebe por intermédio de imagens espaciais. O autor analisa como essas experiências com o tempo são entendidas na Antiguidade, no Cristianismo, na Idade Moderna e na Contemporânea. Nesse caminho, problematiza a experiência imediata e disponível: o prazer. Considera ser o prazer uma experiência essencial

ao homem, a qual não se desenrola em um espaço e tempo, pois cada instante tem um quê de inteiro e completo e, por isso, não ocupa lugar na eternidade. Sendo assim, Agamben constrói um paralelo entre a experiência ocidental de tempo – fixado em um andamento linear contínuo – e o prazer – uma experiência momentânea.

O estudo a seguir – *O príncipe e o sapo: o problema do método em Adorno e Benjamin* – parte de duas correspondências trocadas entre esses teóricos. Giorgio Agamben coloca-se como um mediador, considerando as críticas levantadas nas cartas trocadas entre eles e os caminhos que ambos seguiram.

No penúltimo estudo – *Fábula e história: considerações sobre o presépio* –, discute-se o problema da imagem miniaturizada do presépio como uma imagem histórica. “Pois ele [o presépio] nos mostra precisamente o mundo da fábula no instante em que desperta do encanto para entrar na história. Isso significa que o presépio capta o mundo da fábula no instante messiânico desta transição” (Agamben, 2005, p. 153). Diante do presépio, o homem emudece e a natureza toma, na fábula, a palavra. São esses elementos – palavra e silêncio, divino e profano, história e natureza – que compõem a discussão desse estudo. O presépio é o tempo da história e ali se reencontram figuras isoladas que se conectam *magicamente* a todas as coisas. O presépio contrapõe a miudeza às coisas miúdas de uma história em estado nascente, em que os objetos isolados – cacos, farrapos, retalhos – são imediatamente e historicamente completos.

O último estudo – *Programa para uma revista* – consiste na possibilidade de organizar uma revista consciente que pretenda, como critério, a própria atualidade. Essa atualidade seria feita da interrupção e da quebra com o evento histórico. A proposta do autor significa um programa que renunciaria a qualquer perspectiva cronológica. Para Agamben, há uma “desconexão essencial que volta a apresentar-se continuamente em nossa cultura como contraste entre o velho e o novo, passado e presente, *anciens* e *modernes*” (Agamben, 2005, p. 162). Partindo dessa afirmação, o autor considera que o velho e o novo se tornaram inacessíveis, porque o presente é, desde sempre, ruína, e o passado não é mais que um momento do presente. Nesse sentido, a atualidade da revista estaria na renúncia à perspectiva cronológica.

O livro de Giorgio Agamben não foi escrito em capítulos, isso significa que não está organizado em uma seqüência – algo que seria natural diante dos conceitos apresentados e das interpretações consideradas. Em cada estudo se pode perceber que o autor apresenta uma estrutura que entrelaça conceitos, idéias e apontamentos que envolvem diversos autores. Da mesma forma, se forem considerados somente os títulos de cada estudo, pode parecer que não há conexão entre eles. Mas Giorgio Agamben conseguiu desenvolver, de diversas formas, os conceitos de experiência e história no decorrer do livro. Também são

imprescindíveis os apontamentos que faz a partir de Benjamin – ao recusar a compreensão da história como um *continuum* – e de Benveniste – ao analisar que, quando o indivíduo se denomina *eu*, ele coloca a língua em funcionamento.

Portanto, a leitura do livro é recomendada a todos que se interessem pelos conceitos apresentados aqui. Para aqueles que estudam ou pesquisam a infância, é a possibilidade de fazer outro movimento e ter novos olhares em relação às etapas cronológicas socialmente determinadas. Significa perceber a infância como algo fundamental ao homem, e não como exclusividade da criança, porque na infância está a origem da humanidade e, portanto, do movimento da história. É um livro que permite repensar a relação entre experiência e conhecimento, a importância do rito e do jogo, assim como a natureza, a construção do sentido de pertencimento e o reconhecimento da linguagem nesse processo. Porém, que fique claro que não é um livro sobre a história da infância ou sobre crianças, mas um estudo que pode auxiliar a compreensão dos significados da infância como experiência que constitui o homem e permite subverter a história.